

**ATTITUDES LINGUÍSTICAS DE BRASILEIROS SOBRE
VARIEDADES DA LÍNGUA ESPANHOLA**

**LINGUISTIC ATTITUDES OF BRAZILIANS TOWARD SPANISH
LANGUAGE VARIETIES**

Loremi Loregian-Penka¹
Fernanda Priscila Carraro²
Mauri da Cruz de Morais³

RESUMO

Este estudo⁴ tem como objetivo analisar as crenças e atitudes linguísticas de estudantes brasileiros de língua espanhola em relação a quatro variedades desta língua: andina, rio-platense, mexicana e peninsular, além de vozes de brasileiros falantes de espanhol como língua estrangeira, fazendo-se uso de dados que compõem o *corpus* de uma pesquisa em andamento. Constatou-se que, contrariando parte das hipóteses apresentadas, as variedades melhor avaliadas foram a mexicana e a rio-platense.

Palavras-chave: Crenças e atitudes linguísticas, Língua espanhola, Sociolinguística.

ABSTRACT

¹Doutora em Letras/Linguística pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Concluiu estágio de pós-doutorado em Sociolinguística na UFPR, com bolsa de Pós-Doutorado Sênior do CNPq (2012). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1766652516268724>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1713-561X>. E-mail: loremi.loregian@gmail.com.

²Mestra em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO/Guarapuava (2016). Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO/Guarapuava. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2311007565274447>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1475-9902>. E-mail: ferscarraro@gmail.com.

³Mestrando em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro PR, (2020) na área de interfaces sob orientação dos professores Dr.^a Loremi Loregian-Penka e Dr. Edson Santos Silva. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6610449589900975>. Orcid:<https://orcid.org/0000-0003-0281-498>.

⁴O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Parecer aprovado pelo Comitê de Ética nº 6.247.223. E-mail: maurimorais30@gmail.com.

This study aims to analyze the beliefs and linguistic attitudes of Brazilian students of the Spanish language in relation to four varieties of this language: Andean, Rio-Platense, Mexican, and Peninsular, as well as the voices of Brazilian speakers of Spanish as a foreign language, using data from an ongoing research corpus. It was found that, contrary to some of the presented hypotheses, the best-evaluated varieties were Mexican and Rio-Platense.

Keywords: Beliefs and linguistic attitudes, Spanish language, Sociolinguistics.

Introdução

Este trabalho é um recorte de um estudo em desenvolvimento, no qual objetiva-se apresentar algumas crenças e atitudes linguísticas de quarenta brasileiros falantes de espanhol como língua estrangeira e estudantes e/ou formados em Letras-Espanhol. O trabalho com as atitudes desenvolvido neste estudo busca demonstrar o posicionamento destes participantes em relação a quatro variedades da língua espanhola: andina, mexicana, castelhana e rio-platense, além de vozes de estrangeiros falantes de espanhol, neste caso, brasileiros. Os critérios adotados para a avaliação das variedades e vozes são relativos à pronúncia, pessoal, país e cultura da região.

Estabelecemos algumas perguntas de pesquisa que nortearão nosso trabalho, tais como: a) Como os participantes avaliam as variedades da língua espanhola? b) Existe alguma variedade de espanhola que possa ser considerada melhor ou mais prestigiada para os participantes da pesquisa? c) Que crenças e atitudes linguísticas têm os sujeitos da pesquisa em relação a sua própria maneira de falar espanhol? Partindo dessas perguntas, poderemos compreender os processos subjetivos de classificação e prestígio linguístico dado às variedades e também à própria maneira de falar. A hipótese proposta nesta pesquisa é de que as variedades castelhana e rio-platense serão as mais prestigiadas pelos participantes, pois, a primeira, é a mais prestigiada de acordo com estudos realizados na área. No caso da segunda, é a que mais recebe avaliações positivas em pesquisas sobre atitudes, devido a seus aspectos fonéticos salientes (Moreno Fernández, 2009; Méndez Guerrero, 2022).

Segue-se o seguinte roteiro para a produção da análise: apresenta-se, primeiramente, o embasamento teórico sobre crenças e atitudes linguísticas, e,

Revista de Letras Norte@mentos

Dossiê “Formação de professores/as e ensino-aprendizagem de línguas: olhares para os estudos da diversidade linguística da Amazônia Brasileira”. Sinop, v. 17, n. 50, p. 138-156, nov. de 2024.

posteriormente, sobre a consciência linguística. Abordam-se os dados sobre as médias das avaliações por pares de adjetivos realizadas pelos participantes; e, por fim, a análise da (in)segurança linguística em relação ao falar bem a língua espanhola. Com a realização destas etapas, espera-se contribuir com a visualização de como pode surgir o (des)prestígio de uma variedade e a noção de “bon usage” de uma língua (Calvet, 2002).

1 As crenças e atitudes linguísticas

As avaliações que os falantes fazem sobre os sotaques e as formas de falar uma língua são objeto de estudo da sociolinguística há muito tempo. Isso se justifica porque é uma forma de inferir os caminhos que as línguas poderão tomar no futuro. É muito frequente a menção dos estudos sobre crenças e atitudes “pues no en vano poseen gran relevancia para la comprensión de numerosos aspectos socio lingüísticos en el seno de las comunidades de habla”⁵ (Blas Arroyo, 2005, p. 320).

Por sua natureza subjetiva, os estudos das crenças e atitudes linguísticas são fortes aliados para compreender as questões linguísticas que envolvem o reconhecimento de “reacciones afectivas y cognitivas que los individuos manifiestan en las hipotesis y juicios evaluativos que realizan”⁶ (Méndez Guerrero, 2022, p. 396). O comportamento dos sujeitos está, em grande parte, condicionado pelas atitudes em relação a vários aspectos da vida, como: objetos, pessoas, maneiras de falar, pensamentos, etc. De maneira consciente ou não, a forma como atuamos diariamente é resultado da avaliação que fazemos sobre os mais diversos acontecimentos, por exemplo: se somos de esquerda, nas eleições, votaremos em partidos de esquerda, se somos religiosos, frequentaremos lugares com ofícios religiosos, tais como igrejas, templos, etc. (Almeida, 1999, p. 107). De acordo com Lambert e Lambert, uma atitude linguística é

uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo mais geral, a qualquer acontecimento no ambiente. Os componentes essenciais de atitudes são

⁵ “Pois não em vão possuem grande relevância para a compreensão de numerosos aspectos sociolinguísticos no seio das comunidades de fala” (Blas Arroyo, 2005, p. 320, tradução nossa).

⁶ “Reações afetivas e cognitivas que os indivíduos manifestam nas hipóteses e juízos avaliativos que realizam” (Méndez Guerrero, 2022, p. 396, tradução nossa).

pensamentos e crenças, sentimentos e emoções, bem como tendências para reagir” (Lambert e Lambert, 1975, p. 100).

Os componentes citados pelos autores, quando inter-relacionados, formam uma atitude, e os sentimentos se relacionam coerentemente com o objeto da atitude. Os autores afirmam que as atitudes podem ser modificadas e ajustadas facilmente durante o seu processo inicial de formação, porém, depois de um longo período de tempo reforçando a mesma forma de reagir em determinados acontecimentos, fica cada vez mais difícil modificar uma atitude e afastá-la de um caráter mais estereotipado e inflexível.

Diversos estudos da área da sociolinguística demonstram a existência de dimensões subjetivas, estas podem ser medidas através de instrumentos de pesquisas desenvolvidos para este fim e servem para justificar determinados fatos, identificados dentro de uma (ou mais) variedade(s) linguística(s). Vejamos alguns exemplos de trabalhos realizados na área.

Em 2019, no trabalho “Crenças e atitudes linguísticas: a importância do conhecimento da variação linguística em espanhol como língua estrangeira (E/LE) na formação docente”, o objetivo central foi apresentar os impactos na formação docente a partir da inter-relação das crenças e atitudes linguísticas de acadêmicos de Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Masgo (2019) utiliza como base teórica os estudos de Labov (2008), Moreno Fernández (2009), Lambert e Lambert (1975) e López Morales (2004), entre outros estudos clássicos da literatura. Como metodologia, foram utilizados questionários para descobrir e analisar como estava sendo tratada a variação linguística no processo formativo dos alunos-professores de espanhol como língua estrangeira. Os resultados obtidos dizem respeito às crenças e atitudes linguísticas em relação à três categorias: crenças sobre a língua espanhola, sobre a variação linguística em língua espanhola e crenças e atitudes sobre a aprendizagem da língua espanhola. No trabalho de Masgo (2019) fica evidente a presença da consciência linguística em relação a esse prestígio, haja vista que os participantes indicam a variedade castelhana como a mais valorizada no cenário mundial.

No mundo hispânico, os mais recentes trabalhos publicados na área ocupam-se de investigar a situação atual do prestígio ou estigma das línguas destacam-se, neste sentido,

Revista de Letras Norte@mentos

Dossiê “Formação de professores/as e ensino-aprendizagem de línguas: olhares para os estudos da diversidade linguística da Amazônia Brasileira”. Sinop, v. 17, n. 50, p. 138-156, nov. de 2024.

os estudos empreendidos pelo projeto PRECAVES XXI⁷, coordenado por Cestero e Paredes (2015, 2022) que tem como objetivo estudar as atitudes linguísticas sobre as variedades do espanhol (castelhana, andaluza, canária, mexicana, caribeña, andina, rio-platense e chilena) nas regiões hispano-falantes. Um exemplo destes estudos seria o que Méndez Guerrero (2022), que em seu trabalho intitulado “Actitudes de los mallorquines hacia el castellano y el andaluz”⁸, apresenta resultados de uma pesquisa realizada com 70 jovens maiorquinos sobre as variedades castelhana e andaluza. A metodologia utilizada é a que rege as pesquisas sobre crenças e atitudes e, particularmente neste artigo, a autora apresenta dados recolhidos através de métodos diretos, sobre as dimensões cognitiva e afetiva, e também sobre a proximidade que estabelece o grupo entre sua variedade e as variedades castelhana e andaluza.

Os objetivos da pesquisa eram três: 1. descobrir qual é o grau de reconhecimento das variedades andaluza e castelhana dos participantes da pesquisa; 2. descobrir quais são as avaliações diretas sobre as variedades citadas nas dimensões cognitiva e afetiva e 3. descobrir qual é o nível de proximidade que o grupo avalia em relação as variedades apresentadas e a sua própria. Como resultados, Méndez Guerrero (2022) evidenciou que tanto o reconhecimento das variedades como a avaliação é positiva e que os maiorquinos expressaram proximidade com a variedade castelhana, a sua própria, e não com a andaluza.

Já o trabalho de Svetozarovová (2020) tem como foco analisar crenças de 39 estudantes estrangeiros: eslovacos, checos e poloneses, sobre a variedade andaluza da língua espanhola. A autora menciona que pesquisas com falantes de espanhol como língua estrangeira são pouco comuns e por isso necessárias para preencher a lacuna do ponto de vista estrangeiro. O objetivo da autora é comprovar se os estudantes entrevistados percebem a variação, neste caso geográfica, do espanhol e se existem diferenças na avaliação de seus distintos aspectos geolinguísticos. Como resultados, a variedade castelhana segue sendo a mais prestigiada pelo grupo entrevistado, enquanto

⁷ Projeto para o Estudo das Crenças e Atitudes sobre as Variedades do Espanhol no século XXI (Tradução nossa).

⁸ Actitudes de maiorquinos sobre o castelhano e o andaluz (Tradução nossa).

que a variedade andaluza segue sendo a mais desprestigiada entre as variedades da pesquisa.

O ato de falar, dentro do campo das atitudes linguísticas, significa mais do que somente pronunciar palavras ou transmitir uma mensagem simples. De acordo com Almeida (1999), ao falar, além de iniciarmos um processo comunicativo, com intenções e necessidades concretas, iniciamos uma espécie de jogo, o qual apresenta um sistema de mecanismos de psicologia social que nos permite perceber os valores sociais adscritos nos aspectos linguísticos.

As atitudes e as representações linguísticas, que fazem parte do grupo identificado como dimensões subjetivas, podem nos ajudar a entender como ocorrem a mudança, a manutenção e a política linguística em relação à(s) língua(s) utilizada(s) em determinado grupo social. De acordo com isso, Pereira e Costa afirmam que

A análise das representações linguísticas se apresenta, assim, como uma forte aliada para a compreensão de questões linguísticas envolvendo a regressão/desaparecimento de uma língua, as políticas para revitalização de línguas, segurança/insegurança linguística, bem como as abordagens para o ensino de línguas (Pereira e Costa, 2012, p. 172).

Neste sentido, é possível conhecer, conforme estabelecido nos objetivos deste trabalho, o nível de (in)segurança linguística dos participantes da pesquisa e as justificativas utilizadas para explicar tal traço. Garrett (2010, p. 2) aponta que “People hold attitudes to language at all its levels: for example, spelling and punctuation, words, grammar, accent and pronunciation, dialects and languages. Even the speed at which we speak can evoke reactions⁹”. Como visto, podemos entender que a forma como a psicologia social interpreta e entende as crenças e as atitudes é um reflexo do comportamento e convívio social dos sujeitos.

2 A consciência linguística

⁹ “As pessoas têm atitudes em relação à linguagem em todos os seus níveis: por exemplo, ortografia e pontuação, palavras, gramática, sotaque e pronúncia, dialetos e idiomas. Até mesmo a velocidade com que falamos pode evocar reações” (Garrett, 2010, p. 2, tradução nossa).

Uma das características importantes das atitudes é a consciência linguística, que está ligada diretamente à variedade linguística. Conforme o que indica Moreno Fernández (2009, p. 180), não todos, mas alguns falantes podem forjar atitudes de qualquer nível se eles têm consciência dos aspectos sociolinguísticos que afetam ou influenciam em suas vidas. Estes falantes sabem quais são as variedades preferidas do grupo social ou da sociedade em geral, e podem utilizar este conhecimento para adaptar sua fala e alcançar determinados objetivos ou interesses.

Exemplo disso foi o caso da atriz paranaense Grazi Massafera, que teve de adaptar sua variedade de fala para “caber” em papéis de telenovelas de uma emissora de televisão. Para isto, a atriz passou por sessões com fonoaudióloga para treinar este novo sotaque. Sobre isso, Vieira (2020, p. 49) aponta que há “uma padronização do modo de falar, que vem revestida pela obtenção de uma técnica do ator, visto que se naturaliza que o sotaque neutro deve ser almejado nas posições de atores, cantores, jornalistas”, reforçando a ideia de que, para ocupar certos espaços, exercer determinadas profissões, é necessário que se fale de uma determinada forma.

Retomando a relação entre consciência linguística e variedade, López Morales (2004) desenvolveu um estudo sobre o espanhol de San Juan, em Puerto Rico, destacando, entre outros aspectos, o uso da sequência pronominal *me se*, ao invés de *se me*, e concluiu que os falantes de nível socioeconômico mais alto são os que têm mais consciência sociolinguística, assim como as mulheres em geral.

Ainda sobre o tema, de acordo com o autor, um falante só pode ter consciência linguística se ele tiver conhecimento de mais de uma variedade da sua língua. Dessa forma,

[...] los integrantes de una comunidad identifican socioculturalmente a los demás miembros de la estructura social a la que pertenecen, gracias a una serie de indicios, entre los que se encuentran los de carácter lingüístico. La **manera de hablar** de los sujetos funciona como un índice clasificatorio en la mayoría de los casos pues muchos hablantes tienen conciencia de la variación lingüística y de sus implicaciones sociales¹⁰ (López Morales, 2004, p. 258, grifos do autor).

¹⁰ “os integrantes de uma comunidade identificam socioculturalmente aos demais membros da estrutura social a que pertencem, graças a uma série de indícios, entre os quais se encontram os de caráter linguístico. A **maneira de falar** dos sujeitos funciona como um índice classificatório na maioria dos casos pois muitos

Para o autor, o estudo das atitudes linguísticas, associado à consciência linguística, é um fator determinante para entender o uso de uma língua e também a mudança linguística. López Morales destaca que “ciertos fenómenos lingüísticos están muy relacionados con grupos de hablantes específicos; si a alguno de estos es considerado prestigioso por la comunidad, *su forma de hablar* también lo será, sus modales, su atuendo, sus gustos, etc¹¹.” (López Morales, 2004, p. 286, grifos do autor). De acordo com Serrano (2011), a aplicação dos estudos sobre crenças e atitudes dentro da (sócio)linguística apresenta certos objetivos, como:

[...] tratar de comprobar la incidencia de la posición sociopsicológica del hablante hacia la lengua y sus variedades y variantes. **Hay cuestiones históricas que deben asociarse a cuestiones relacionadas con las reacciones o actitudes de los hablantes**, una de ellas, es, sin lugar a dudas, el prestigio concedido¹² (Serrano, 2011, p. 282, grifo nosso).

O mito, conhecido comumente entre os que estão envolvidos de alguma forma com a área de Língua Espanhola no Brasil, é pensar que existe uma variedade mais correta e mais bonita desta língua e que esta variedade está localizada na Espanha. Historicamente localizado, este mito permeia o imaginário de estudantes desta língua como língua estrangeira no país, por acreditarem que o país identificado como sendo a origem da língua espanhola, e que colonizou tantos outros países no decorrer da história, é onde se fala melhor esta língua. Serrano (2011) afirma que sempre associamos a melhor variedade de uma língua com aqueles sujeitos que são pertencentes a classes sociais ou grupos de prestígio mais alto e que associamos as variedades menos prestigiadas com grupos sociais menos favorecidos. A autora ainda aponta que “el origen de estas ideas

falantes têm consciência da variação linguística e de suas implicações sociais (LÓPEZ MORALES, 2004, p. 258, grifos do autor, tradução nossa).

¹¹ “Certos fenómenos lingüísticos estão muito relacionados com grupos de falantes específicos; se a algum destes é considerado prestigioso pela comunidade, *sua forma de falar* também o será, seus modos, sua vestimenta, seus gostos, etc.” (LÓPEZ MORALES, 2004, p. 286, grifos do autor, tradução nossa).

¹² “tratar de comprobar a incidência da posição sociopsicológica do falante em relação a língua e suas variedades ou variantes. **Há questões históricas que devem ser associadas a questões relacionadas com a reações ou atitudes dos falantes**, uma delas, é, sem dúvida, o prestígio concedido (SERRANO, 2011, p. 282, grifo nosso, tradução nossa).

Revista de Letras Norte@mentos

Dossiê “Formação de professores/as e ensino-aprendizagem de línguas: olhares para os estudos da diversidade linguística da Amazônia Brasileira”. Sinop, v. 17, n. 50, p. 138-156, nov. de 2024.

forma parte de un proceso de socialización en el que las autoridades y los gobiernos tienen su responsabilidad” (Serrano, 2011, p. 282).

3 Metodologia

Os procedimentos metodológicos provêm, igualmente ao embasamento teórico, da psicologia social. Contudo, com o desenvolvimento de diversas pesquisas na área da sociolinguística (Méndez Guerrero (2022); Svetozarovová (2020); Masgo (2019), entre outros) os instrumentos de investigação foram adaptando-se conforme as necessidades de cada estudo, buscado, assim, atender às análises necessárias dos dados recolhidos.

Havia uma preocupação quanto à forma de mensuração das atitudes e posterior análise de dados. Por isto, “os psicólogos sociais criaram várias técnicas sistemáticas para inferir e medir atitudes” (Lambert e Lambert, 1975, p. 102). Os autores mencionam que para obter uma mensuração de dados satisfatória, é necessário registrar dados quantitativos e qualitativos, de forma que estes elementos possam ser organizados e comparados na análise de dados e “os instrumentos para medir atitudes, tal como ocorre com outros instrumentos, são testados e reconstruídos até que reflitam, de maneira precisa, os graus de atitudes favoráveis e desfavoráveis” (Lambert e Lambert, 1975, p. 102-103).

Os métodos para a mensuração das crenças, atitudes e representações linguísticas, hoje, são variados e suficientes para desenvolver trabalhos e buscar responder a determinados fenômenos linguísticos. É necessário destacar, como afirma Labov (2001), que nenhum resultado pode ser interpretado isoladamente, para que se faça uma análise do fenômeno linguístico, é preciso realizar uma contraposição, utilizando instrumentos diferentes sobre o mesmo objeto.

Há duas linhas de trabalho dentro do campo das crenças e atitudes: a condutivista e a mentalista. Se torna fácil imaginar uma coleta de dados de linha condutivista, onde o pesquisador pode observar *in loco* o objeto de análise a partir de condutas objetivas. Uma conduta é facilmente observável, diferentemente de um estado mental. De acordo com Moreno Fernández (2009, p. 184), a linha mentalista precisou desenvolver métodos de

coleta de dados para dar conta das atitudes linguísticas. Os métodos mais comuns de mensuração são os diretos e os indiretos. De acordo com Garrett (2010), no método direto,

Typically, as in these studies, people are simply asked questions directly about language evaluation, preference, etc. They are invited to articulate explicitly what their attitudes are to various language phenomena. So it is an approach that relies upon overt elicitation of attitudes. At one level, it may seem the most obvious way to get at people's attitudes: i.e. to ask them what their attitudes are¹³ (Garret, 2010, p. 39).

Neste tipo de mensuração, podem aparecer perguntas como: você acha que fala bem a língua espanhola? Justifique. Se as línguas de imigração se tornassem cooficiais no Brasil, como essa decisão afetaria o seu dia a dia?

Já os métodos indiretos, geralmente são vistos, de acordo com Garrett (2010, p. 41), como técnica de disfarce combinado, “the indirect approach to studying language attitudes means using more subtle, even deceptive, techniques than simply asking straight questions about what people's attitudes are to something¹⁴” (Garrett, 2010, p. 41). É no método indireto que os participantes ouvem áudios de um único locutor lendo o mesmo texto em línguas diferentes (técnica de falsos pares) ou áudios diferentes que se diferenciam em apenas um aspecto – fonológico, variação de léxico, etc. – entre várias outras técnicas utilizadas dentro deste método. É, também, no método indireto que os participantes avaliam aspectos culturais e sobre o país de origem dos falantes nos áudios, caracterizam aspectos sociais, tais como: nível de estudos, faixa salarial, cargo, entre outros aspectos que indiretamente contribuem para descobrir quais são as atitudes expressadas em relação a determinada variedade da língua.

Para esta pesquisa, utilizamos um questionário online com perguntas abertas e fechadas, para coletar os dados sobre as crenças e atitudes linguísticas de oito vozes de

¹³ É típico, nestes estudos, que as pessoas são simplesmente questionadas diretamente sobre a avaliação da linguagem, preferência, etc. São convidadas a explicitar claramente quais são suas atitudes em relação a vários fenômenos linguísticos. Portanto, é uma abordagem que depende da eliciação explícita de atitudes. Em um nível, pode parecer a maneira mais óbvia de entender as atitudes das pessoas, ou seja, perguntar a elas quais são suas atitudes (Garrett, 2010, p. 39. tradução nossa).

¹⁴ A abordagem indireta para estudar atitudes linguísticas significa utilizar técnicas mais sutis, até mesmo enganosas, do que simplesmente fazer perguntas diretas sobre quais são as atitudes das pessoas em relação a algo (Garrett, 2010, p. 41. Tradução nossa).

quatro variedades da língua espanhola: andina, mexicana, castelhana e rio-platense, além de duas vozes de falantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira. Há duas vozes para cada variedade, sendo representadas por uma voz masculina e outra feminina. Tal questionário foi respondido por quarenta estudantes/professores de espanhol brasileiros, mais especificamente paranaenses.

O recorte que apresentamos aqui está formado por uma análise por pares de adjetivos para qualificar as dez vozes apresentadas aos participantes. São exemplos: agradável – desagradável; rápida – lenta; feia – bonita; pouco inteligente – inteligente; etc, em uma escala de 1 a 4, onde cada adjetivo se mostra em um extremo da escala, os quais 1 e 2 são atitudes negativas e 3 e 4 são atitudes positivas. Serão apresentadas as médias das avaliações feitas nesta escala de valores.

A convenção utilizada para codificar os nomes dos participantes é a seguinte: utilizamos a letra (P), de participante, seguido do número correspondente ao da entrevista realizada, seguido da origem (B) brasileira, seguido do sexo/gênero (M) ou (F). Exemplo: P45BF: participante 45, origem brasileira, sexo/gênero feminino. Por fim, para a análise da (in)segurança linguística, os participantes respondiam à pergunta: você fala bem a língua espanhola? A pergunta, de caráter aberto, registrou as respostas dadas pelos participantes e serão analisadas neste estudo.

4 Análises

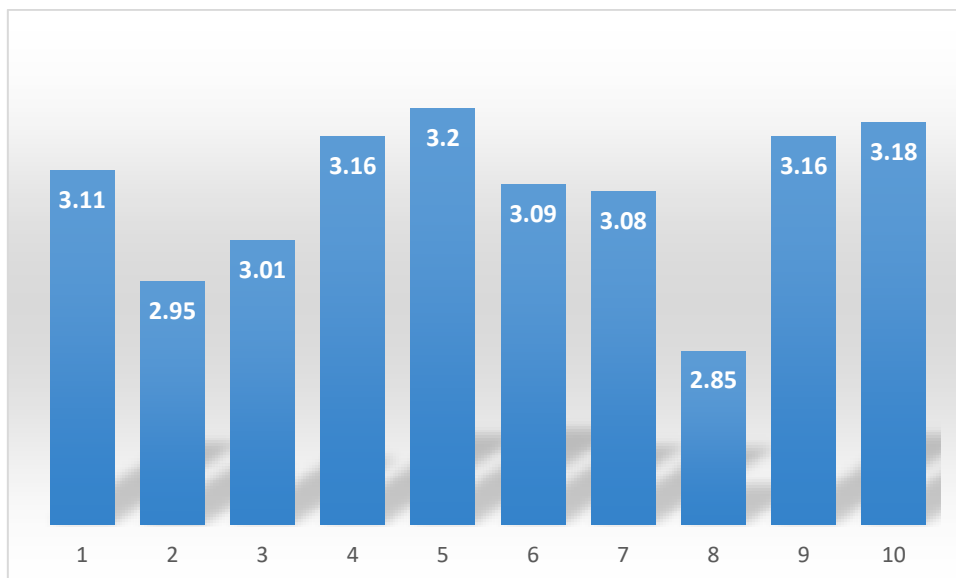
4.1 Análise por pares de adjetivos

Serão apresentadas as médias das avaliações das variedades considerando uma escala de 1 a 4. De 1 a 2,5 são considerados como avaliações negativas. De 2,6 a 4 são considerados como avaliações positivas. O gráfico 1 apresenta as médias das avaliações realizadas a partir dos exemplos de pares de adjetivos mencionados na metodologia e os demais pares selecionados para este estudo.

Gráfico 1: médias das avaliações por pares de adjetivos

Revista de Letras Norte@mentos

Dossiê “Formação de professores/as e ensino-aprendizagem de línguas: olhares para os estudos da diversidade linguística da Amazônia Brasileira”. Sinop, v. 17, n. 50, p. 138-156, nov. de 2024.



Legenda: 1: andina masculina; 2: andina feminina; 3: estrangeira masculina; 4: estrangeira feminina; 5: mexicana masculina; 6: mexicana feminina; 7: castelhana masculina; 8: castelhana feminina; 9: rio-platense masculina; 10: rio-platense feminina. Elaborado pelos autores.

Conforme é possível ver no gráfico 1, as variedades com as médias mais altas de avaliações positivas foram a mexicana (3,20), voz masculina, e a rio-platense (3,18), voz feminina. Nos chama a atenção que a variedade mexicana tenha obtido uma média mais alta que das variedades castelhana e rio-platense. Sobre isso, a participante 46 explica o seguinte sobre a variedade que acredita ser mais prestigiada:

(1)

P46BF: México por la influencia de sus productos culturales como telenovelas, músicas y películas bien como su gastronomía y folklore. También por ser un país simpático y vecino de EEUU, lo que conlleva a una exposición más grande de su cultura en los productos culturales norteamericanos que tienen gran penetración en el mundo todo. [...] seguro que entre hispanohablantes de Latinoamérica, la variación europea del continente no sea muy prestigiada por diferencias de vocabulario, usos de la 2ª persona del plural, pronuncias muy distintas. Además, por el factor cultural/colonial que nos separa/une (¿?)¹⁵.

¹⁵ P46BF: México pela influência de seus produtos culturais como novelas, músicas e filmes, bem como sua gastronomia e folclore. Também por ser um país simpático e ser vizinho dos EUA, o que resulta em uma exposição maior de sua cultura nos produtos culturais norte-americanos que têm uma grande influência no mundo todo. [...] com certeza entre os hispano-falantes da Latino América a variedade europeia não é muito prestigiada por diferenças de vocabulário, usos da 2ª pessoa do plural, pronúncias muito distintas. Além disso, pelo fator cultural/colonial que nos separa/une (?) (tradução nossa).

Em (1), pode-se ver que, segundo a participante, o México é um país que tem grande influência no Brasil devido aos seus produtos culturais, e por se tratar do maior país hispano-falante da América Latina, além de ser vizinho dos Estados Unidos, o que ajuda a promover a cultura mexicana. A participante acrescenta que, sobre a variedade castelhana, esta não deve ser tão prestigiada na América Latina por suas diferenças de pronúncia, entonação e ritmo, além do aspecto colonial, que pode gerar um rechaço em relação à variedade. Em relação ao prestígio dado à variedade rio-platense, a participante acrescenta:

(2)

P46BF: [...] para mí, el acento rioplatense tiene un espacio en mi corazón por la familiaridad y el gusto por oírlo/leerlo. ¿Cómo una puede pasar indigente a un porteño diciendo: “che, yo ya me estoy yendo”? Es encantador¹⁶.

Pode-se ver, em (2), que a participante demonstra sua preferência pela variedade rio-platense, devido aos seus aspectos de pronúncia: entonação, *rehilamiento*, entre outros aspectos salientes desta variedade. Bastante particular e de fácil identificação, o espanhol rio-platense conta com uma história e cultura diversa. A mistura dos imigrantes italianos, os guaranis e brasileiros originou o que se conhece hoje como a pampa gaúcha. Entre a vida no campo e a recepção de imigrantes europeus, houve muitas consequências linguísticas. Entre os traços mais característicos dessa região,

se encuentra el yeísmo pronunciado con una particular tensión palatal que recibe el nombre de **rehilamiento**, porque se produce un rozamiento intenso en el paladar, que puede tener un resultado sordo, representado como [š] o como [ʃ], o sonoro, representado como [ž] o como [ʒ]: *caballo* [ka.'ba. ʒo]; *silla* ['si.ʒa]; *yo* ['ʒo]¹⁷ (Moreno Fernández, 2020, p. 120, destaque do autor).

¹⁶ P46BF: [...] para mim, o sotaque rio-platense tem um espaço no meu coração pela familiaridade e o gosto de ouvi-lo/lê-lo. Como alguém pode passar indigente por um portenho dizendo: “tchê, eu já estou indo”? É encantador (tradução nossa).

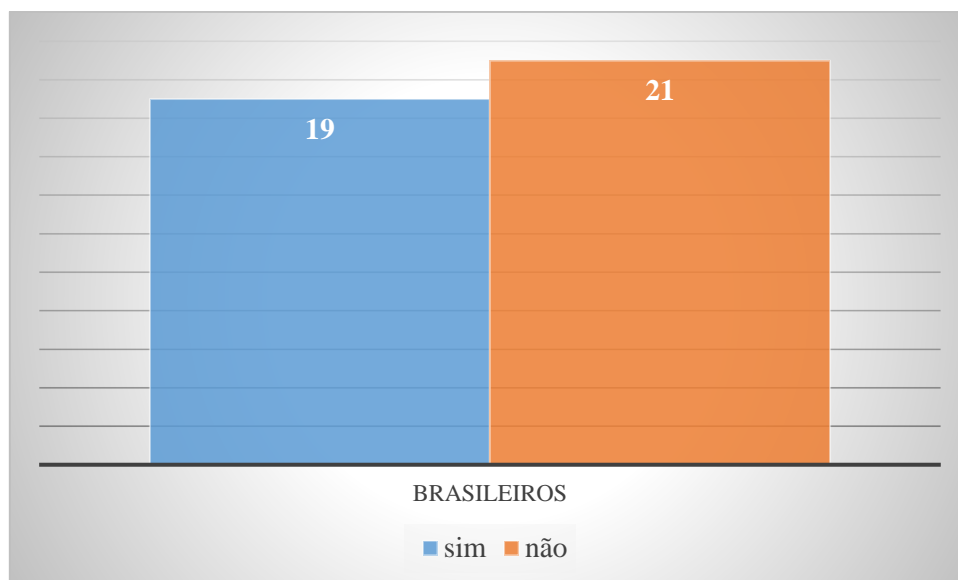
¹⁷ Se encontra o yeísmo pronunciado com uma tensão particular palatal que recebe o nome de **rehilamiento**, porque se produz um roce intenso no paladar, que pode ter um resultado surdo, representado como [š] ou como [ʃ], ou sonoro, representado como [ž] ou como [ʒ]: *caballo* [ka.'ba. ʒo]; *silla* ['si.ʒa]; *yo* ['ʒo] (Moreno Fernández, 2020, p. 120, destaque do autor, tradução nossa).

O autor afirma que esta pronúncia tão marcada é muito chamativa para os outros falantes da língua espanhola e se tornou “marca registrada” da variedade, apesar de não ser característica de 100% do território que compõe a variedade rio-platense.

4.2 Análise da (in)segurança linguística

Como se pode ver nos itens anteriores e em muitos trabalhos da área (Moreno Fernández, 2009; López Morales, 2004; Méndez Guerrero, 2022; entre outros), há, para cada sujeito, uma ideia do que é falar bem uma língua e, a partir desta ideia, determinadas atitudes em relação ao modo de falar dos outros sujeitos. Seria interessante conhecer as atitudes que o sujeito tem em relação a ele mesmo, e talvez este seja um fator diferenciador deste estudo, saber o que ele pensa sobre seu próprio modo de falar, sua variedade, seu sotaque, entre outros aspectos relacionados a sua identidade de fala. Para conhecer as atitudes dos participantes da pesquisa em relação a estes aspectos, analisaremos as respostas dadas à pergunta: “Você fala bem a língua espanhola?”. No gráfico 2 apresentamos os dados quantitativos das respostas sobre falar bem a língua espanhola, em relação às três categorias de respostas dadas: sim, não e depende do contexto ou conceito do que seria falar bem uma língua, dada pelos participantes:

Gráfico 2: (in)segurança linguística sobre falar espanhol



Fonte: elaborado pelos autores.

O percentual de segurança linguística foi de 47,5% e o de insegurança linguística foi de 52,5%. Os sujeitos que apresentaram traços de insegurança linguística justificaram suas respostas afirmando “faltarem as palavras” no momento de falar. Mencionaram também a falta de fluência, falta de conhecimentos gramaticais e de léxico na língua estrangeira. Calvet (2004, p. 68) procura mostrar um conceito, existente nos grupos sociais, do que seria a noção de *bon usage* de uma língua. Trata-se da “ideia segundo a qual há modos de bem falar a língua e outros que, em comparação, são condenáveis”. Baseado em estereótipos, os falantes classificam o uso certo da língua de acordo com critérios particulares a cada grupo social. Seguem alguns dados:

(3)

P35BM: *No. Comprendo bien, pero en la hora de hablar, me faltan palabras.*

P60BF: *No, porque hablo de manera dura, no es suave, y además no logro hallar términos para expresarme como los nativos y eso me impide de hablar sin interrupciones y además hablo despacio.*

P78BM: *Aun no hablo bien, no. Tengo muy poco vocabulario y poca exposición al idioma para hablar con confianza.*

P80BF: *No, pues me faltan las palabras a la hora de expresarme y siento que no tengo tanta fluidez en el habla*¹⁸.

¹⁸ P35BM: Não. Compreendo bem, mas na hora de falar, me faltam palavras. P60BF: Não, porque falo de maneira dura, não é suave, e além disso não consigo encontrar termos para me expressar como os nativos e isso me impede de falar sem interrupções e além disso falo devagar. P78BM: Ainda não falo bem, não. Tenho muito pouco vocabulário e pouca exposição ao idioma para falar com confiança. P80BF: Não, pois me faltam palavras na hora de me expressar e sinto que não tenho tanta fluência na fala (tradução nossa).

Em (3), entende-se, segundo os participantes 35, 60, 78 e 80, que para falar bem uma língua deve-se ter conhecimento amplo de vocabulário, falar de maneira suave e sem interrupções, falar com confiança e rápido. Percebe-se que o mito de se falar bem uma língua está envolto de características relacionadas à entonação, à velocidade, ao léxico e à fluência. No que se refere a falar bem a língua espanhola, alguns participantes apresentam os argumentos:

(4)

P38BF: Si, pues a menudo me entienden bien.

P43BF: Sim, porque consigo me fazer entender com quem estou me comunicando.

P44BM: Si, puedo comunicarme con cualquier persona que hable español.

P49BF: Yo creo que sí. No con el acento de un nativo, pero me comunico bien.

P55BF: Sí. Recibo comentarios de otras personas que también lo hablan (nativos y no nativos de la lengua española) y me dicen que mi español “es muy bueno”. Sé que estudio mucho para hablar de manera clara y fluida, aprendiendo siempre y estando en contacto con el idioma lo máximo que pueda.

P79BF: Sí, porque puedo expresarme, ser comprendida y entender a las personas que hablan este idioma¹⁹.

Nota-se, em (4), que o conceito de falar bem uma língua está mais voltado ao uso que à norma, visto que os argumentos apresentados dispõem de justificativas como: ser entendido, entender aos demais e se comunicar de maneira fluida. Além disso, estes dados ilustram o que preconizam os pressupostos da sociolinguística quanto à noção de falar bem uma língua, pois o falante real, de acordo com Labov (2008), é também aquele que comete erros, que tem lapsos de memória, mas que apesar desses percalços, se expressa e consegue manter uma conversação na língua alvo. Calvet (2002) indica que um bom

¹⁹ P38BF: Sim, pois frequentemente me entendem bem. P43BF: Sim, porque consigo me fazer entender com quem estou me comunicando. P44BM: Sim, posso me comunicar com qualquer pessoa que fale espanhol. P49BF: Eu acho que sim. Não com o sotaque de um nativo, mas me comunico bem. P55BF: Sim. Recebo comentários de outras pessoas que também falam (nativos e não nativos da língua espanhola) e me dizem que meu espanhol “é muito bom”. Sei que estudo muito para falar de maneira clara e fluida, aprendendo sempre e estando em contato com o idioma o máximo que eu posso. P79BF: Sim, posso me expressar, ser compreendida e entender as pessoas que falam esta língua (tradução nossa).

falante é aquele que se comporta como um camaleão linguístico, em outras palavras, aquele que adapta à sua maneira de falar de acordo com o contexto que se encontra.

De maneira geral, nota-se que a variedade mexicana foi a melhor avaliada, devido a sua presença cultural. Já a variedade rio-platense conquistou pela simpatia e entonação únicas, além de seus aspectos salientes. Em relação à (in)segurança linguística, a maioria expressou insegurança ao falar espanhol, destacando limitações de vocabulário, fluência e entonação. No entanto, os que se consideram seguros enfatizaram a importância de serem compreendidos e de se comunicarem de forma eficaz.

Conclusões

As conclusões são iniciadas retomando as perguntas de pesquisa estipuladas no início deste trabalho. A primeira é a) como os participantes avaliam as variedades da língua espanhola? As variedades melhor avaliadas, de maneira geral, foram a mexicana (3,20) e a rio-platense (3,18). As que obtiveram mais avaliações negativas realizadas pelo grupo de brasileiros foram as vozes femininas das variedades castelhana (2,85) e andina (2,95).

A segunda pergunta é: b) existe alguma variedade de espanhola que possa ser considerada melhor ou mais prestigiada para os participantes da pesquisa? Como pode ser visto nos dados apresentados, apesar dos participantes mencionarem a variedade castelhana como a mais prestigiada, nas avaliações sobre pares de adjetivos esta variedade não se destacou, sendo a variedade mexicana e a rio-platense as mais prestigiadas de acordo com esta análise. Isso configura como um mito a variedade castelhana ser a mais prestigiada.

Sobre a pergunta c) que crenças e atitudes linguísticas têm os sujeitos da pesquisa em relação a sua própria maneira de falar espanhol? Identificou-se que os brasileiros apresentam um nível um pouco mais elevado de insegurança linguística. Uma fragilidade desta pesquisa é a de não poder apresentar mais análises em relação às motivações sobre esta insegurança. Talvez esteja relacionada à formação sociolinguística dos participantes, recomenda-se tais associações em futuras pesquisas.

Retomando a hipótese proposta nesta pesquisa, propôs-se que as variedades castelhana e rio-platense seriam as mais prestigiadas pelos participantes, entretanto, as análises dos dados mostraram que parte da hipótese não foi confirmada. As variedades mais prestigiadas foram a rio-platense e a mexicana. A variedade rio-platense é composta por aspectos singulares de pronúncia, como o *voseo* e a sonoridade, pois os países da região do Rio da Prata receberam muitos imigrantes italianos. Tais características agradaram aos participantes da pesquisa, o que lhe conferiu à variedade rio-platense muitas avaliações positivas. Sobre a variedade mexicana, tal variedade está mais presente na mídia brasileira, como em músicas, principalmente, e em novelas e seriados. Esta aproximação pode ser a causa de avaliações mais positivas.

Referências

- ALMEIDA, Manuel. Aspectos psicosociales de la variación: creencias y actitudes. *In.: Sociolingüística*. La Laguna: Universidad, Servicio de Publicaciones, Serie Filología I, 1ª ed. 1999, p. 112-119.
- BLAS ARROYO, José Luis. *Sociolingüística del español: desarrollos y perspectivas en el estudio de la lengua española en contexto social*. Madrid: Cátedra, 2004
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CESTERO, A. M. y F. PAREDES. Creencias y actitudes hacia las variedades del español en el siglo XXI: avance de un proyecto de investigación. *In.: DA HORA, D.; PEDROSA, J. R.; LUCENA, R. M. (Eds.), ALFAL 50 anos: contribuições para os estudos linguísticos e filológicos*. p. 652-683. João Pessoa: Ideia, 2015.
- CESTERO, A. M. y F. PAREDES (Eds.). *Percepción de la variedad castellana: creencias y actitudes en el siglo XXI*. Alcalá de Henares: Editorial de la Universidad de Alcalá, 2022.
- GARRETT, Peter. *Attitudes to language*. New York: Cambridge University Press, 2010
- LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Social factors. Oxford, Blackwell, 2001.

Revista de Letras Norte@mentos

Dossiê "Formação de professores/as e ensino-aprendizagem de línguas: olhares para os estudos da diversidade linguística da Amazônia Brasileira". Sinop, v. 17, n. 50, p. 138-156, nov. de 2024.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. *Psicologia Social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 4ed. 1975. Tradução de Dante Moreira Leite.

LÓPEZ MORALES, Humberto. *Sociolingüística*. 3.^a edição, Madrid: Gredos, 2004.

MASGO, Victor R. R. *Crenças e atitudes linguísticas: a importância do conhecimento da variação linguística em Espanhol como Língua Estrangeira (ELE) na formação docente*. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Dissertação de Mestrado. 2019.

MÉNDEZ GUERRERO, Beatriz. Actitudes de los mallorquines hacia el castellano y el andaluz. Datos del proyecto PRECAVES XXI. *Revista Española de Lingüística Aplicada/Spanish Journal of Applied Linguistics*, v. 35, 2022, p. 365 – 395. <https://doi.org/10.1075/resla.20010.men>. Acesso em 09.set.2024.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 2009.

PEREIRA, Telma; COSTA, Débora. Representação linguística: perspectivas práticas e teóricas. *Gragoatá*, Niterói, n. 32, p. 171-188, 1. sem. 2012.

SERRANO, María José. Las reacciones subjetivas de los hablantes o actitudes lingüísticas. *In.: Sociolingüística*. Ediciones del Serbal, Barcelona, 2011, p. 281-293.

SVETUZAROVÁ, Radka. Creencias y actitudes de los jóvenes universitarios eslovacos, checos y polacos hacia el andaluz. *Philologia Hispalensis*, v. 35, n. 1, 2020, p. 215-234. <https://dx.doi.org/10.12795/PH.2021.v35.i01.10>. Acesso em 09.set.2024.

VIEIRA, Laise Aparecida Diogo. A língua falada no teatro e em telenovelas brasileiras: um percurso pela história das ideias linguísticas. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 23, n. 45, p. 46-89, jan./jun. 2020.

Recebido em 25/07/2024

Aprovado em 09/09/2024